

## Entrevista a Roberto Esposito

Entrevista conduzida por  
**Gianfranco Ferraro**<sup>1</sup>

### O «pensamento italiano», da Itália para o mundo

Roberto Esposito (Piano di Sorrento, Itália, 1950) é um dos maiores filósofos vivos. É considerado um dos pensadores de referência do pensamento italiano contemporâneo e da reflexão sobre a biopolítica. Entre as suas obras, traduzidas em dezenas de línguas, podemos lembrar: *Communitas. Origine e destino della comunità* (em português: *Communitas: Origem e Destino da Comunidade*, 2022); *Immunitas. Protezione e negazione della vita* (2002), *Bios. Biopolitica e filosofia* (em português: *Bíos. Biopolítica e filosofia*, 2010); *Pensiero vivente. Origine e attualità della filosofia italiana* (em português: *Pensamento vivo. Origem e atualidade da filosofia italiana*, 2013), *Due. La macchina della teologia politica e il posto del pensiero* (2013); *Da fuori. Una filosofia*

---

<sup>1</sup> Universidade Aberta, Portugal. ORCID ID: <https://www.cieneciavita.pt/551B-406D-49AF>

per l'Europa (2016); *Pensiero istituyente. Tre paradigmi di ontologia politica* (2020); *Immunità comune. Biopolitica all'epoca della pandemia* (2022); *Vitam instituere. Genealogia dell'istituzione* (2023); *I volti dell'Avversario. L'enigma della lotta con l'Angelo* (2024).

É, atualmente, professor de filosofia teórica na Scuola Normale Superiore de Pisa, em Itália.

P  
&  
R

**O pensamento italiano contemporâneo adquiriu uma função crítica extremamente importante e reconhecida a nível global, tornando difícil acompanhar todas as linhas, as brechas e os horizontes em que se insere nos mais diversos contextos. Podemos, talvez, acrescentar que o pensamento italiano assume, hoje, uma verdadeira função maiêutica para o nosso tempo. Penso, naturalmente, no seu percurso, assim como no de Giorgio Agamben, de Toni Negri, traduzidos em todas as línguas. Mas também de Mario Tronti, de Remo Bodei, de Massimo Cacciari e, mais recentemente, de Donatella Di Cesare e de Elettra Stimilli. Na sua opinião, o que une estas reflexões, por vezes muito diferentes entre si? E, ao mesmo tempo, quais são as influências mais significativas que este pensamento contemporâneo italiano recebe e recebeu «de fora»?**

Um elemento que une esses percursos, embora tão diversos, é a relação entre origem e atualidade. Em poucas correntes de pensamento contemporâneo, palavras antigas, gregas e latinas – como «homo sacer», «imperium», «communitas», «bios», «arché», entre outras – tiveram um destaque maior, de caráter não filológico, mas teórico. No pensamento italiano

– como ensinaram Nietzsche e Foucault com a categoria de «genealogia» – esses termos não remetem a algo que está antes, enterrado no passado, mas à nossa própria contemporaneidade. Diria que, para o pensamento italiano, o termo-conceito de «contemporaneidade» não alude apenas à última das épocas, àquela que segue a modernidade, mas deve ser entendido, de modo literal, como a copresença de vários tempos diferentes dentro de um único tempo. Bodei falou disso a seu tempo, a propósito de Ernst Bloch, num livro que não por acaso se intitula «Multiversum». Essa tensão temporal, dentro do tempo, mas que também envolve a dimensão do espaço, é típica de muitos pensadores italianos. Quanto ao que o Pensamento Italiano recebeu «de fora», além dessa mesma definição, já referi Nietzsche, Foucault e Bloch. A esses nomes, acrescentaria os de Benjamin, Schmitt, e também Merleau-Ponty, sobretudo no que diz respeito à temática do pensamento instituyente, que hoje se tornou um dos vetores de ponta do pensamento italiano.

---

**O seu livro dedicado ao pensamento italiano, ou melhor, à possibilidade de redescobrir a atitude com que o pensamento italiano construiu uma tradição reconhecível, intitula-se *Pensiero vivente* [Pensamento vivo]. O que entende por essa expressão e qual é, na sua opinião, o contributo do pensamento italiano para o mundo contemporâneo?**

«Pensiero vivente» [Pensamento vivo]. Ambos esses termos têm um papel estratégico no

quadro da reflexão italiana. Primeiro, pensamento, que prefiro tanto a «filosofia» quanto a «teoria». Enquanto «filosofia» é o termo clássico que remete à reflexão em seu significado mais geral, «teoria» remete hoje, especialmente após a *French Theory*, ao diálogo com as ciências humanas. No entanto, ambos os termos mantêm uma distância, ou um desnível, em relação à práxis. Pelo contrário, na tradição italiana, de Maquiavel a Gramsci, a dimensão do pensamento nasce da *práxis* e nunca perde uma relação constitutiva com ela. Pense-se, neste sentido, também no atualismo de Gentile – na identificação que ele teorizava entre pensamento e ação. O pensamento, enquanto tal, está sempre em ato. Assim como a ação sempre tem uma raiz no pensamento. Também a este elemento ativo remete o atributo «vivo». Mas, naturalmente, nele ressoa sobretudo a referência à «vida», também ela estratégica no pensamento italiano, tanto na sua época clássica, a partir do próprio Maquiavel, de Bruno, de Vico, quanto na época contemporânea, com a reflexão biopolítica que envolveu, além de mim mesmo, sobretudo Negri e Agamben.

---

**Se tivesse de recomendar a um público português, talvez a um jovem que se tenha acabado de aproximar da filosofia, dois dos seus livros pelos quais se sente representado e que considera revestirem hoje uma certa atualidade, quais recomendaria?**

Embora não sejam os mais recentes, diria *Communitas: Origem e Destino* da Comunidade

e *Bios. Biopolítica e filosofia*. Devo a esses livros o meu primeiro reconhecimento internacional. Mas deixe-me também mencionar o mais recente, *Pensiero istituyente. Tre paradigmi di ontologia politica*, que abriu um novo percurso teórico sobre o tema da instituição.

---

**Durante a pandemia, o debate filosófico em geral, e mais especificamente o debate italiano, foi sacudido por uma polêmica intensa. A noção de biopolítica, em particular, foi, por assim dizer, uma das principais acusadas, especialmente por aqueles que identificaram nas medidas de precaução contra o contágio novas formas de «controle biopolítico». Em mais de uma ocasião, também sentiu a necessidade de se posicionar nessa polêmica. Três anos depois, como se sentiria ao reler esse debate e sua influência na visão que podemos ter hoje da biopolítica?**

Durante os anos difíceis da pandemia, houve uma tentativa de contrastar os dois valores fundamentais da vida e da liberdade, chegando-se a argumentar que poderíamos prescindir de um em favor do outro. Na realidade, foi uma polêmica sem sentido, uma vez que esses valores se complementam reciprocamente, embora seja evidente que a vida é pressuposto da liberdade, pois para sermos livres, precisamos estar vivos. No entanto, é também verdade que uma vida sem liberdade perde o seu significado. Pessoalmente, não acredito que as medidas de precaução contra o contágio tenham resultado em uma nova forma de controle biopolítico. De fato, uma vez que a pandemia terminou, essas medidas foram levantadas. Isso significa que elas não surgiram dentro

de um estado de exceção usado pelo poder (e qual poder?) para subverter a constituição vigente, mas sim de um estado de necessidade marcado pelo surgimento da doença. Isso não significa que algumas normas adotadas pelos governos ocidentais não possam ter sido precipitadas ou excessivas. No entanto, foi uma situação imprevisível que apanhou todos de surpresa. Certamente, todos os processos de imunização podem, em algum momento, ultrapassar o limite, acabando por gerar uma doença imune. Nesse risco, nunca devemos baixar a guarda. A imunidade não deve ser vista como oposta à comunidade, mas sim funcionalizada para sustentá-la.

---

**Partindo do seu último livro e dos múltiplos rostos que o «Adversário» assume nas nossas vidas, qual é, para si, o enigma inicial que o levou a considerar a luta contra o Adversário como uma experiência fundamental, uma luta individual mas também comum aos seres humanos?**

A luta com o Adversário – derivada do famoso episódio narrado no *Livro de Gênesis*, da luta de Jacó com o Anjo – simbolicamente representa o conflito que constantemente travamos com o Outro, mas também conosco mesmos. Pessoalmente, fui impactado por esse evento primordial onde não é claro quem é o adversário – um homem, um anjo, um demônio, Deus mesmo ou a Sombra de Jacó – nem se trata de uma verdadeira luta ou antes de um abraço, ou até mesmo de uma dança. Da mesma forma, permanece incerto quem prevalece no

final – se Jacó ou o Adversário. Essa incerteza, ou melhor, oscilação entre vários significados, nos diz, por um lado, que nenhum de nós pode escapar à luta na existência e pela existência. Por outro lado, que essa luta, em última análise, coincide com a nossa própria vida. Por isso, não pode ter um fim. Podemos temer o Adversário, mas precisamos dele porque ele nos identifica, delinea a nossa personalidade. Como escreveu Carl Schmitt no momento de maior fraqueza, após a derrota da Alemanha nazista, o Adversário é nosso irmão. Ai daquele que não tem um amigo! Mas também ai daquele que não tem um inimigo!

---

**Esteve recentemente em Portugal e ocorreram recentemente as eleições europeias. Para além de uma reflexão sobre a Itália, houve também uma reflexão sobre a Europa. Não lhe pergunto o que é hoje o «exterior», o «fora» da Europa. Prefiro perguntar-lhe o que é o «interior» desta Europa. E, diretamente, o que serve, e sobretudo, para que direção devemos olhar para sermos «bons europeus», segundo a expressão de Nietzsche?**

Sermos «bons europeus» – é significativo que Nietzsche não diga «bons alemães», como os nazis quiseram fazer-lhe dizer e, antes ainda, a sua irmã – significa reconhecer na Europa a própria casa. De uma forma que não se contrapõe ao próprio País, mas que o integra numa unidade mais ampla e articulada. Hoje é difícil pensar numa verdadeira federação, depois que o projeto de constituição europeia foi rejeitado pelos referendos populares na França e na Holanda. Mas permanece uma

união da qual depende parte do bem-estar, da liberdade e da (relativa) paz que os Países europeus têm experimentado até agora. Isso não significa que as coisas estejam bem. Muito pelo contrário. Na União, realizada sobretudo em termos económicos e jurídicos, sente-se um forte défice de política. Apenas se esse défice for colmatado rapidamente, o processo de integração conseguirá avançar.

---

**Algumas perguntas, se me permite, mais pessoais e biográficas. Que livro foi fundamental para se aproximar da filosofia? E em que a filosofia lhe foi próxima ao longo da tua vida? Em que a filosofia lhe mudou a vida? Por fim: o que teria querido fazer Roberto Esposito se não tivesse seguido a filosofia? A que outra disciplina se sentiu, talvez uma vez, mais afim?**

Não é uma pergunta fácil. Não saberia indicar um único livro. Os primeiros livros de filosofia que li, no final dos anos Sessenta, foram, como acontecia naquela época, de inspiração marxista. Embora fora do dogma. Diria que a minha aproximação ao pensamento se deu inicialmente através dos filósofos de Frankfurt — Adorno, Horkheimer, Marcuse. Deles aprendi, antes de mais, o papel do «negativo» dentro da sociedade e também da vida. É uma lição que não esqueci. À questão do negativo dediquei também um livro recente, *Política e negação. Para uma filosofia afirmativa*. Não sei se a filosofia mudou a minha vida. Talvez a tenha mantido no seu leito natural, ao qual estava destinada desde o início, tendo em conta a minha inclinação para a reflexão crítica e também autocrítica. Se não tivesse seguido

filosofia, acredito que teria tentado tornar-me magistrado. Ainda hoje considero decisivo, para a própria reflexão, o horizonte do direito, com toda a contradição que comporta em relação à Justiça.

---

**Às vezes, as cidades, a sua paisagem humana e arquitetónica, desempenham um papel filosófico. Penso nas cidades de Benjamin, por exemplo. Surge-me espontaneamente a pergunta sobre qual é a sua relação com Nápoles, cidade de muitos filósofos cruciais, como Giovanbattista Vico, e ao mesmo tempo cidade onde muita reflexão filosófica «de rua» entrou na literatura, na pintura, no teatro, no cinema. Como se vê o mundo a partir de Nápoles? O que há de «napolitano» em Roberto Esposito?**

Hoje Nápoles está numa fase de crescimento tumultuoso. Está a tornar-se um íman para um público cada vez mais amplo. Isso deve-se a uma série de causas que têm a ver com a beleza natural, a arte, a comida, a ficção, o desporto. Mas Nápoles sempre foi um sítio extraordinário, situado no centro do Mediterrâneo, ligado à Europa, mas também virado para África. Uma cidade «porosa», como foi justamente dito. Para além disso, é justamente considerada a cidade italiana mais envolvida na filosofia, de Bruno, a Vico, a Leopardi, a Croce — napolitanos, senão de nascimento, pelo menos de adoção. Pessoalmente, não posso dizer que sou completamente napolitano, embora Nápoles seja a minha cidade. O que sinto em relação a ela é uma espécie de tensão, feita de atração e repulsa. De Nápoles certamente absorvi o gosto pela contaminação dos idiomas e das ideias.